

Tempo, trabalho e dominação social – uma reinterpretação da teoria crítica de Marx

MOISHE POSTONE

São Paulo: Boitempo, 2014, 486p.

Zaira Vieira*

Publicado, em 1993, pela Cambridge University Press e traduzido posteriormente na Espanha, na França, na Alemanha e, mais recentemente, no Brasil, o livro de Postone tem sido amplamente divulgado nos últimos anos. Um de seus méritos é o de considerar as categorias da obra madura de Marx como formas objetivas que revelam o trabalho na sociabilidade do capital. Tais categorias não são entendidas nem como simples *constructos*, nem como objetividades mecânicas ou sem alma. Ao repensá-las, o autor busca apreender o caráter histórico específico da sociabilidade do capital e “superar as conhecidas dicotomias teóricas de estrutura e ação, sentido e vida material” (p.17). Dito de forma genérica, tais desígnios podem resumir o aporte e a genialidade da própria obra de Marx, na medida em que ela mostra que todas as categorias da economia política expressam uma dada forma de vida, um determinado tipo de ação ou de trabalho. Para Postone, categorias como mercado e capital são, elas próprias, as relações sociais: “essas formas sociais impessoais e abstratas [...] são as relações reais da sociedade capitalista, estruturam sua trajetória dinâmica e sua forma de produção” (p.20). A noção de *forma social* – presente nas obras de Lukács e de Rubin, que insistiu sobre sua importância, em Marx, para dar conta de uma objetividade não material, mas social – é fundamental em seu argumento.

* Pós-doutoranda em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: zairavieira@uol.com.br.

Um dos eixos em torno do qual gira a leitura de Postone é a diferenciação entre o que ele chama de crítica da sociedade do ponto de vista do trabalho e crítica do trabalho ou da especificidade do trabalho no capitalismo. A primeira estaria presente no *marxismo tradicional*. Essa caracterização compreende autores como Dobb, Sweezy, Mandel, Vygotsky e Lukács. A crítica de Postone a quase toda a história do marxismo diz respeito a dois pontos centrais. Em primeiro lugar, uma concepção trans-histórica do trabalho: a obra de Marx não conteria uma visão do trabalho que perpassasse toda a história. Em segundo lugar, o autor critica também a noção de dominação entendida em termos de classe social. Na abordagem *tradicional*, o que Marx apontara como uma contradição que surgiria entre as relações sociais de produção e as forças produtivas seria entendido como contradição entre “de um lado, propriedade privada e mercado e, de outro, o modo de produção industrial” (p.21). Propriedade privada e mercado são tratados como “marcas distintivas do capitalismo e a produção industrial é postulada como a base de uma futura sociedade socialista” (p.21-22). Os diferentes tipos de interpretação *tradicional* estariam fundados, em outros termos, sobre uma concepção positiva do trabalho.

Contrapondo-se a isto, o autor busca mostrar que a centralidade do trabalho em Marx deve-se não a que ele ponha a produção material como aspecto mais importante da vida social, mas a que considere que o trabalho como modo de produção que funciona como um autômato seja a marca distintiva do capitalismo. A crítica de Marx seria uma crítica do trabalho ou da produção industrial. No modo de produção capitalista, a dominação não tem origem exclusivamente no mercado e na propriedade privada, mas se caracteriza por ser uma dominação abstrata e mais global, cujo *locus* central encontra-se nas relações de trabalho.

O autor salienta, portanto, o caráter social das relações objetivas de dependência de que fala Marx. Trata-se de mostrar a centralidade da categoria *trabalho abstrato* ou, ainda, a natureza essencialmente social e dominante do trabalho nesta formação social. O caráter social é um aspecto inerente ao trabalho e não apenas às relações de distribuição e de propriedade. Com efeito, n’*O capital*, a contradição entre o domínio social e o domínio privado é algo inerente à forma que assume o trabalho no capitalismo. Esta leitura possui, assim, o mérito de se fundar, para a compreensão da sociedade moderna, sobre um aspecto fundamental. A concepção de Marx sobre o trabalho na formação social capitalista, especialmente a que aparece na *Contribuição à crítica da economia política* e n’*O capital*, é o que permite refutar uma série de elaborações teóricas que concebem a sociabilidade como aspecto diferente e separado das determinações do trabalho (exemplo: Habermas).

A despeito das qualidades apontadas, o texto de Postone elimina os pressupostos desta temática, o que faz com que ele recaia em uma definição do trabalho abstrato a partir da circulação. O autor relega a segundo plano a explicação da mais-valia. Mais do que a extração de mais-valia, o que estaria no centro da dinâmica do capital seria a dialética rotineira ou o *efeito esteira* cujas raízes encontram-se

na dimensão temporal do valor. A crítica ao capitalismo de Marx perfar-se-ia, assim, já no início d'*O capital*, antes mesmo da introdução do conceito de mais-valia. E as categorias mercadoria, trabalho abstrato e valor, tal como aparecem aí, fundamentariam a característica dinâmica histórica daquela sociedade.

Separando a problemática do trabalho e do valor da questão da propriedade, a abordagem de Postone afasta-se da concepção de *trabalho abstrato* de Marx, que diz respeito ao “dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico”. O *trabalho abstrato* é entendido como sendo uma categoria puramente social – e não dispêndio de músculos, nervos etc., como dizia Marx. Ela tem sua origem na circulação e sua explicação prescinde da esfera da produção. A dualidade do trabalho é explicada, desta forma, a partir das determinações da mercadoria.

Para o autor, a relação social fundamental ou “o princípio estruturante fundamental do capitalismo” é a mercadoria (p.181); razão pela qual a fórmula do “trabalho determinado pela mercadoria” (p.66, 331) é recorrente. De acordo com *O capital*, se se pode dizer que o trabalho é determinado pela forma mercadoria ou se encontra subsumido a ela, não se pode esquecer que ele está subsumido, antes de mais nada, a sua determinação de valor, da qual a mercadoria é apenas uma das expressões. Não é da forma mercadoria dos produtos do trabalho que deriva a dualidade que caracteriza o trabalho no capitalismo. Ao contrário, os produtos são mercadorias precisamente porque o trabalho reveste, ele mesmo, uma forma dupla. Destacando a importância da forma mercadoria, por um lado, e minimizando o papel do processo de extração da mais-valia, por outro, cai-se numa análise de tipo proudhoniano, criticada à época por Marx.

A crítica do trabalho de Postone vai além de uma crítica do trabalho no modo de produção capitalista. Haveria, em Marx, “uma crítica das relações sociais mediadas pelo trabalho sob o ponto de vista da possibilidade historicamente emergente de outras mediações sociais e políticas” (p.67-68). Apoiando-se nas passagens dos *Grundrisse* sobre as máquinas, Postone entende que superar o capitalismo envolve abolir tanto o valor como forma social de riqueza, quanto o próprio trabalho. Tais passagens pressuporiam a abolição do trabalho concreto e questionariam “a ligação ‘necessária’ entre o trabalho imediato e a riqueza social” (p.80).

Tudo isto é coerente com a sua tese de que a teoria marxiana da produção não é uma teoria do trabalho enquanto criação de riqueza concreta, mas uma teoria da forma social da riqueza. Mas, se o autor tem razão em sublinhar o último aspecto, é evidente que o mesmo não se pode dizer sobre o primeiro. Tais aspectos não são excludentes em Marx. Ao ressaltar unilateralmente a historicidade, Postone descaracteriza o materialismo da obra marxiana, eliminando a base natural do trabalho abstrato, mas ofuscando também outros aspectos concretos sobre os quais se assentam as relações sociais de dominação no capitalismo, como a relação do conceito de *capital* com a riqueza material (p.97, 318).

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A grande virada de Lenin
João Quartim de Moraes

A moral em Marx
Yvon Quiniou

Althusser, o marxismo e o historicismo
Maurício Vieira Martins

Edição da *MEGA*: da política à filologia
Gerald Hubmann

Comentários: os *Grundrisse* e sua edição brasileira
Claus Germer, Eleutério Prado e
Pedro Leão da Costa Neto

34